

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS PATO BRANCO
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

PRISCILA RUBBO

**DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA:
UM INSTRUMENTO AO PROCESSO DECISÓRIO.**

**PATO BRANCO – PR
2008**

PRISCILA RUBBO

**DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA:
UM INSTRUMENTO AO PROCESSO DECISÓRIO.**

Monografia apresentada com requisito parcial à
Coordenação do Curso Superior de Ciências Contábeis,
para obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Contábeis.

Orientador: Professor M.Sc Paulo Roberto Pegoraro

**PATO BRANCO – PR
2008**

TERMO DE APROVAÇÃO

PRISCILA RUBBO

**DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA:
UM INSTRUMENTO AO PROCESSO DECISÓRIO.**

Monografia aprovada como requisito parcial para conclusão do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, pela seguinte banca examinadora:

Mestre Oldair Roberto Giasson
Professor em Ciências Contábeis – Universidade Tecnológica Federal do Paraná -
UTFPR

Doutor Osni Hosss
Professor em Ciências Contábeis – Universidade Tecnológica Federal do Paraná -
UTFPR

Mestre Paulo Roberto Pegoraro
Professor em Ciências Contábeis – Universidade Tecnológica Federal do Paraná -
UTFPR

Pato Branco, 01 de outubro de 2008.

AGRADECIMENTO

A Deus...

À minha família, e em especial meus pais que não mediram esforços para me proporcionar um crescimento pessoal e profissional, aos meus irmãos pela compreensão e paciência e ao meu futuro esposo pela ajuda e incentivo nesta caminhada.

Aos meus amigos do curso de Ciências Contábeis, por tornarem este tempo de graduação tão memorável.

Ao meu professor orientador, Mestre Paulo Roberto Pegoraro, pela dedicação disponibilizada que contribuiu para o desenvolvimento do estudo.

Aos Professores do Curso de Ciências Contábeis.

E a todos que de alguma forma contribuíram para conclusão deste estudo.

RESUMO

O demonstrativo do fluxo de caixa tem como finalidade a projeção das entradas e saídas de recursos financeiros. Através da elaboração deste sistema, o administrador financeiro procura harmonizar seu capital de giro com sua liquidez. Sendo assim, o fluxo de caixa é uma ferramenta financeira que facilita a análise e a decisão de comprometer os recursos disponíveis e se necessários selecionar as taxas menos onerosas para a captação de recursos. Diante disso, o objetivo geral deste estudo, buscou evidenciar o fluxo de caixa como uma ferramenta para tomada de decisão, quanto ao conhecimento da DFC no modelo direto, indireto, projetado e Norte-americano, mostrando a importância do mesmo para obtenção de informações e a verificação da utilização deste sistema nas empresas da micro-região de Pato Branco. A metodologia utilizada para a consumação desta pesquisa teve caráter exploratório descritivo com predominância quantitativa. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário, com a participação de 20 (vinte) colaboradores, na micro-região de Pato Branco, no período de 10 de julho a 06 de agosto de 2008. Os resultados obtidos referente à utilização do sistema de fluxo de caixa como uma ferramenta para a tomada de decisão, demonstrarão insatisfatório no sentido de não haverem por parte da maioria dos administradores o conhecimento e o interesse por esta ferramenta.

Palavras chave: Fluxo de Caixa; Tomada de decisão; Controle; Informação.

ABSTRACT

The demonstrative of cash flow has for purpose the projection of the entrances and exits of financial resources. Through the elaboration of this system, the financial administrator search to harmonize its working capital with its liquidity. Being thus, the cash flow is a financial tool that facilitates the analysis and the decision to compromise the available resources and if necessary to select the less onerous taxes for the resources capitation. Ahead of this, the objective of this study, searched to evidence the cash flow as a tool for decision taking, how much the knowledge of the DFC in direct, indirect, projected and North American model, showing it's importance to obtain information and to verify the use of this system in the companies of the micron-region of Pato Branco. The methodology used for the consumption of this research had investigative descriptive character with quantitative predominance. For the collect of data a questionnaire was used, with the participation of 20 (twenty) collaborating, in the micron-region of Pato Branco, between July 10 and August 06 of 2008. The results gotten about the use of the system of cash flow as a tool for the decision taking were unsatisfactory due to the lack of knowledge and interest of the majority of administrators.

Words key: Cash Flow; Decision Taking; Control; Information.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplo do Fluxo de Caixa Projetado.....	28
Tabela 2: Balanço Patrimonial, Demonstração de Resultado e Fluxo de caixa....	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Roteiro do trabalho	11
Quadro 2: Esquematização do Fluxo de Caixa Modelo Direto	21
Quadro 3: Modelo de sistema de informações	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo dos entrevistados.....	35
Gráfico 2: Faixa etária dos entrevistados	35
Gráfico 3: Escolaridade dos entrevistados.....	36
Gráfico 4: Cargo exercido na empresa	36
Gráfico 5: Quantidade de funcionários.....	37
Gráfico 6: Ramo de atividade da empresa.....	37
Gráfico 7: Faturamento.....	38
Gráfico 8: Controle de recebimentos e pagamentos.....	38
Gráfico 9: Controle de recebimentos e pagamentos.....	39
Gráfico 10: Quanto à informatização nas empresas.....	39
Gráfico 11: A importância da contabilidade na empresa.....	40
Gráfico 12: Onde é feita a contabilidade.....	40
Gráfico 13: O responsável pela administração financeira é conhecedor do sistema de fluxo de caixa.....	41
Gráfico 14: O administrador possui meios para detectar com antecedência possível escassez ou excesso de recursos financeiros.....	41
Gráfico 15: A empresa possui fluxo de caixa projetado.....	42
Gráfico 16: Prazo da provisão.....	42
Gráfico 17: Planejamento financeiro.....	43
Gráfico 18: Importância do fluxo de caixa	43
Gráfico 19: Controle particular	44

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	10
1.1 TEMA: FLUXO DE CAIXA	11
1.2 DEFINIÇÃO DO TEMA: FLUXO DE CAIXA COMO UMA FERRAMENTA PARA TOMADA DE DECISÃO	12
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
1.4 JUSTIFICATIVA	14
1.5 OBJETIVO	15
1.5.3 DELIMITAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	16
2 - REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 FLUXO DE CAIXA – CONCEITUAÇÃO	17
2.2 FLUXO DE CAIXA MODELO DIRETO	20
2.3 FLUXO DE CAIXA MODELO INDIRETO	22
2.4 MODELO DE FLUXO DE CAIXA NORTE-AMERICANO	24
2.5 FLUXO DE CAIXA PROJETADO	25
2.6 FLUXO DE CAIXA OPERACIONAL	28
2.7 PLANEJAMENTO FINANCEIRO	29
2.8 CONTABILIDADE COMO INFORMAÇÃO E TOMADA DE DESCISÃO	30
3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	35
5 - CONCLUSÕES	45
5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXO.....	52

1 – INTRODUÇÃO

“Vivemos uma nova realidade, na qual há espaço para o planejamento e controle dos negócios” (CAMPOS FILHO, 1999, p. 17).

Os administradores necessitam de relatórios contábeis onde possam buscar informações rápidas, práticas e com utilidade para que possa controlar o patrimônio. Sendo assim, o fluxo de caixa ajuda o gestor a controlar, avaliar e principalmente se programar financeiramente.

Estudar o fluxo de caixa para Sá (2004) é entender o processo de liquidez na empresa. Fazendo o demonstrativo do fluxo de caixa, o empresário poderá analisar quais atividades estão sendo rentáveis, e quais atividades estão impedindo o caixa tornar-se líquido.

Segundo Assaf Neto (1997), o fluxo de caixa é de vital importância para a empresa, pois evidencia o rumo financeiro da mesma. Para a sobrevivência no mercado a empresa deve liquidar corretamente suas dívidas sem se tornar insuficiente.

“O importante é avaliar se a empresa conseguirá cobrir todos os compromissos ou, caso contrário, como esta buscando recursos para incrementar sua insuficiência de caixa” (MARION, 2005, p. 208).

O demonstrativo do fluxo de caixa não servirá somente para o fluxo realizado, mas sim, para projeção. O gestor poderá fazer simulação dos recursos e despesas previstas para um determinado período, podendo assim, prever com mais facilidade quando haverá déficit ou superávit do caixa.

“A projeção do fluxo de caixa é uma atividade indispensável para a grande maioria das instituições. O que varia é o grau de formalização utilizado em sua confecção” (SANVICENTE, 1994, p. 155).

Conforme transcrito neste trabalho, o gestor que almeja somente o lucro poderá equivocar-se. Neste estudo veremos também que o que pode levar uma empresa a falência não é a falta de lucro, mas sim a incapacidade da empresa gerar caixa.

O presente trabalho está dividido nas seguintes partes: a primeira, mostra o conceito do fluxo de caixa; na segunda parte, poderemos visualizar três formas de elaboração da demonstração do fluxo de caixa; na terceira parte, veremos o fluxo de caixa administrativamente no tocante à tomada de decisão. Apresenta-se também o

resultado de um estudo de caso sobre o tema, onde foram distribuídos questionários para avaliar se o fluxo de caixa está presente na administração. Logo em seguida, apresenta-se a conclusão do trabalho. A seguir veremos um quadro demonstrativo do roteiro do trabalho.

Primeira parte	2 Embasamento Teórico
	2.1 Fluxo de Caixa - Conceituação
Segunda parte	2.2 Fluxo de Caixa Modelo Direto
	2.3 Fluxo de Caixa Modelo Indireto
	2.4 Modelo de Fluxo de Caixa Norte-Americano
	2.5 Fluxo de Caixa Projetado
	2.6 Fluxo de Caixa Operacional
Terceira parte	2.7 Planejamento Financeiro
	2.8 Contabilidade como Informação e Tomada de decisão
Quarta parte	3 Procedimentos Metodológicos
	4 Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados
Quinta parte	5 Conclusões

Quadro 1: Roteiro do trabalho.

1.1 TEMA: FLUXO DE CAIXA

O demonstrativo do fluxo de caixa (DFC) é um instrumento de gestão que mede a quantidade de dinheiro que entrou e saiu do caixa em um determinado período. Seu principal objetivo é garantir a liquidação de suas obrigações no prazo correto sem imprevistos que precisem recorrer a capital de terceiros.

O fluxo de caixa auxilia no gerenciamento da empresa pela análise, se é possível à operação acontecer ou não. Para cada fato a uma conseqüência, que quase sempre movimentam o caixa. Tomamos como exemplo uma simples compra de mercadoria, esta pode ser comprada à vista podendo ser oferecida pelo fornecedor um bom desconto. Contudo, o caixa não provém de recursos para esta aquisição imediata. Então o administrador deve negociar para chegar ao menor preço e fazer nas condições que poderá cumprir com seus compromissos.

Os gestores cada vez mais encontram desafios para manter a empresa no mercado. A falta de recursos próprios e o alto custo para captação de recurso de terceiros, junto com a falta de controle fazem com que as empresas tenham uma vida curta. Em épocas de crise, o empresário necessita de informações precisas e claras.

Várias empresas comprometem o montante previsto para recebimento dos períodos futuros, para aquisição de bens e insumos. Para uma empresa que possui

um fluxo de caixa projetado, isso é de grande valia, pois poderá prever a quantidade de entradas e saídas.

O demonstrativo do fluxo de caixa projetado tem como objetivo prever receitas e despesas para um determinado período futuro. Esta projeção é feita de acordo com períodos anteriores. Quanto mais períodos tiverem para fazer a análise mais perfeita será a projeção.

Esta demonstração ajuda o administrador saber quanto vai ter de disponibilidades em um determinado período, podendo ser a curto prazo e a longo prazo. As projeções dificilmente irão atingir uma total eficiência, porém a intenção é chegar o mais próximo possível da realidade.

1.2 DEFINIÇÃO DO TEMA: FLUXO DE CAIXA COMO UMA FERRAMENTA PARA TOMADA DE DECISÃO

Para Marion (2005), são vários os empresários que criticam a carga tributária, os encargos sociais, a falta de recursos, os juros altos, a inflação, entre outros, que sem dúvida são fatores que contribuem para debilitar a empresa. Porém, analisando o histórico da empresa, observa-se que o problema está alojado na má gerência, devido às decisões tomadas sem respaldo.

Este trabalho demonstra que se grande parte dos administradores utilizassem o fluxo de caixa como uma ferramenta para auxiliar no dia-a-dia, haveriam mais empresários satisfeitos, devido à ampla visão de recursos realizados e projetados, da mesma forma com os pagamentos e recebimentos.

Ter uma dinâmica para harmonizar os recursos auferidos e seus compromissos é a grande meta para quem pretende ficar no mercado.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

“O fluxo de caixa é um instrumento utilizado pelo administrador financeiro para uma eficiente gestão empresarial” (ZDANOWICZ, 1992, p. 24).

Para Assaf Neto (1997), uma boa administração de recursos financeiros, reduz a necessidade de aquisição de capital de terceiros, reduzindo os juros, e conseqüentemente influenciando no lucro, devido às baixas despesas financeiras.

“Toda administração do ativo é importante, pois se deve ter em mente os objetivos simultâneos da administração financeira: liquidez e rentabilidade” (ZDANOWICZ, 1992, p. 21).

Para Zdanowicz (1992, p. 33)

O fluxo de caixa é o instrumento que permite demonstrar as operações financeiras que são realizadas pela empresa, facilitando a análise e decisão, de comprometer os recursos financeiros, de selecionar o uso das linhas de crédito menos onerosas, de determinar o quanto à organização dispõe de capitais próprios, bem como utilizar as disponibilidades da melhor forma possível.

“Dessa forma, o objetivo fundamental para o gerenciamento dos fluxos de caixa é atribuir maior liquidez as entradas de caixa em relação aos desembolsos” (ASSAF NETO, 1997, p. 37).

Para Zdanowicz (1992), o fluxo de caixa é um instrumento essencial para a administração do disponível e sucesso da empresa. A empresa que mantém seu fluxo de caixa atualizado poderá dimensionar com mais facilidade o volume de ingressos e desembolsos dos recursos financeiros.

No entender de Zdanowicz (1992, p. 34)

O fluxo de caixa é um instrumento útil ao processo de tomada de decisão, ou seja, através de prévias análises econômico-financeiras e patrimoniais têm-se as condições necessárias e suficientes para definir as decisões acertadas. Assim, o fluxo de caixa obriga as empresas a planejar e controlar todas as suas atividades operacionais e não-operacionais.

Tendo ciência da importância do fluxo de caixa, é fundamental que o administrador saiba gerenciar corretamente os recursos financeiros alocados na massa patrimonial ativa da empresa. Estas preocupações estão presentes em qualquer tipo de organização, seja comércio, indústria ou de prestação de serviço, independente do porte. Sabendo

Diante do exposto, será levantada a seguinte questão de pesquisa:

Qual é a importância do fluxo de caixa para a tomada de decisão na micro-região de Pato Branco?

1.4 JUSTIFICATIVA

Para Sá (2006), há cerca de 600 anos antes de Cristo, tales de Mileto teria estudado “contabilidade”, devido à preocupação com a realidade financeira e patrimonial de seus negócios.

Continua Sá (2006), somente em 1961 o estudo sistemático do fluxo de caixa começa a ser despertado. Sendo publicadas normas para elaboração do fluxo de caixa, tornando-se um demonstrativo contábil e logo sendo de apresentação obrigatória para empresas de capital aberto.

Fica evidente que o interesse pelo estudo sistemático do fluxo de caixa é muito recente, talvez esta seja a explicação pelo uso limitado que o meio empresarial faz dele.

“A análise do fluxo de caixa permite que os sintomas de fragilidade da estrutura de capital de giro sejam detectados a tempo para que se possam tomar as medidas necessárias” (SÁ, 2006, p. 04).

As decisões administrativas para Helfert (2000), não modificam somente o resultado da empresa, mas sim, influenciam nas contas dos ativos e passivos, principalmente nas contas que compõem o capital de giro, como o caixa, contas a receber, estoques e contas a pagar.

“Demonstração de fluxo de caixa é o relatório do impacto das atividades de operação, investimento e financiamento de uma empresa sobre o fluxo de caixa durante um exercício fiscal” (WESTON, 2000, p. 45).

Na visão de Weston (2000), a demonstração do fluxo de caixa evidencia como as operações da empresa influenciam o caixa e ajuda ao administrador responder as seguintes perguntas:

- A empresa está gerando necessário para comprar ativos imobilizados adicionais para os eu crescimento?
- O fluxo da empresa é tão excessivo que podem ser utilizados para liquidar as dividas e investir mais em novos produtos?
- O crescimento da empresa é tão rápido que o financiamento de terceiros é necessário para manter as operações e para investimentos em novos ativos imobilizados?

Ainda para Weston (2000), estas perguntas são necessárias tanto para os gestores quanto para os investidos, devido à importância deste relatório.

Pesquisa realizada pelo Sebrae a propósito de estudar os Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil nos anos de 2003 a 2005, revelou que em 2005, 39% das empresas tinham problemas com o capital de giro, 55% tinham falhas gerenciais e 18% tinham problemas financeiros. Ainda na mesma pesquisa, foram apontados os fatores de sucesso das empresas, que em 2005, 37% das empresas optaram capital próprio, 76% das empresas apontaram fatores gerenciais.

Pelo resultado da pesquisa, fica evidenciado que para obtenção de sucesso é necessário conhecer gerencialmente a empresa. Sendo assim, as falhas gerenciais diminuiriam conseqüentemente a falta de capital de giro e os problemas financeiros tendem a acabar.

A referida pesquisa demonstra ainda que a importância de um bom administrador e o uso de capital próprio são dois quesitos que não utilizados contribuem para extinção das empresas.

Conforme pesquisa publicada pelo Sebrae, 45% dos empresários não buscam ajuda para o gerenciamento de sua empresa. Dos que buscam 40% destes procuram contadores para auxiliá-los.

Ainda para a mesma pesquisa do Sebrae, empresas procuram áreas financeiras, de organização empresarial e de conhecimento da área que atua, por serem úteis para enfrentar dificuldades.

Devido à tamanha mortalidade das empresas por falta de gerenciamento, o estudo sobre a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC), pretende evidenciar a falta de conhecimento sobre esta ferramenta e também mostrar uma nova opção para os administradores tomarem suas decisões de modo a ficar mais claro e seguro.

1.5 OBJETIVO

1.5.1 Objetivo Geral

1. Evidenciar o fluxo de caixa como uma ferramenta para tomada de decisão.

1.5.2 Objetivos específicos

1. Dissertar o conceito da DFC (demonstração do fluxo de caixa) e demonstrar como se realiza a DFC, no modelo direto, indireto, projetado e norte-americano.
2. Descrever como pode ser utilizado o fluxo de caixa mostrando a importância do mesmo para obtenção de informações para tomada de decisão.
3. Verificar a utilização do fluxo de caixa nas empresas da micro-região de Pato Branco.

1.5.3 Delimitação e Organização do estudo

Para realização desta pesquisa, a metodologia aplicada teve caráter exploratório descritivo com predominância quantitativa. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário, com a participação de 20 (vinte) colaboradores, no período de 10 de julho a 06 de agosto de 2008.

Os resultados obtidos referente à utilização do fluxo de caixa para a tomada de decisão não foram satisfatórios devido a não utilização do demonstrativo nas empresas, sendo que 30% dos empresários não acham que o sistema de fluxo de caixa não é importante.

São poucos os administradores que tem o fluxo de caixa como uma ferramenta para a tomada de decisão, isso se deve a falta de conhecimento dos mesmos.

Porém nosso objetivo é apontar o fluxo de caixa como uma ferramenta para a tomada de decisão, como abordado neste estudo.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FLUXO DE CAIXA – CONCEITUAÇÃO

Fluxo de caixa na visão de Sá (2006) é toda a movimentação que influencia o disponível e a sua devida apresentação como relatório para o devido entendimento e análise.

Para entendermos melhor o de fluxo de caixa, vamos conceituar o disponível, que no entender de Ludícibus (1998), disponível é unicamente o dinheiro em espécie, ou outros valores a receber que possam ser convertidos imediatamente em dinheiro.

“Fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo” (ASSAF NETO, 1946, p. 35).

Zdanowicd (1992, p. 24) comenta:

O fluxo de caixa pode ser também conceituado como: o instrumento utilizado pelo administrador financeiro com o objetivo de apurar os somatórios de ingressos e de desembolsos financeiros da empresa, em determinado momento, prognosticando assim se haverá excedentes ou escassez de caixa, em função do nível desejado de caixa pela empresa.

Conforme Sá (2006), “caixa” significa “moeda”, compreende todos os valores que possam ser convertidos em moeda, exemplo, depósito bancário, cheques que possam ser depositados a vista, e aplicações de curto prazo.

Segundo Zadanowicz (1992, p.24)

O fluxo de caixa tem como objetivo básico, a projeção das entradas e das saídas de recursos financeiros para determinado período, visando prognosticar a necessidade de captar empréstimos ou aplicar excedentes de caixa nas operações mais rentáveis para a empresa.

“O caixa representa o objetivo final dos investidores ao optarem por uma alternativa de alocação de recursos. No meio empresarial, caixa é o ativo mais líquido disponível na empresa” (FREZATTI, 1997, P. 13).

De acordo com Assaf Neto (1946), o fluxo de caixa é de vital importância para as empresas, é o fluxo que vai mostrar o rumo financeiro dos negócios.

Quando o caixa é insuficiente pode determinar cortes nos créditos, prejudicando a operação da empresa.

Ainda para Assaf Neto (1946), problema com fluxo de caixa não acontece somente com empresas que não são lucrativas, isso acontece devido ao comportamento de seu ciclo operacional.

“A geração de caixa é mais importante do que a geração de lucro, já que o que quebra uma empresa não é a falta de lucro, e a falta de caixa” (SÁ, 2006, p. 4).

O empresário deve ter ciência do ciclo operacional da empresa. Pois se o giro do estoque é lento ou o prazo de recebimento é alto, primeiro a empresa pagará para depois receber, ocasionando primeiro o desembolso. Sendo assim, se a empresa não tiver amparada com um sustentável saldo de caixa, a empresa poderá ter lucro, porém com problema no saldo de caixa.

Para Assaf Neto (1946), a função financeira é dispor a maximização dos lucros cumprindo com suas obrigações. A partir da elaboração do fluxo de caixa é possível prever sobre ou falta de caixa, e decidir o que será feito.

Assaf Neto (1946, p. 36) afirma:

A administração não deve manter suas reservas de caixa em níveis elevados como forma de maximizar a liquidez. Ao contrário, deve buscar um volume mais adequado de caixa sob pena de incorrer em custos e oportunidades crescentes.

O fluxo de caixa possui dois momentos, Sá (2006) comenta que temos o fluxo de caixa realizado que neste se encontram fatos passados como pagamentos e recebimentos de contas. E no segundo momento temos a projeção do caixa, que é quando vamos prever o que será recebido ou pago.

Afirma Sá (2006), que o fluxo de caixa é exato, teve a movimentação de um montante ou não, não existe outra interpretação possível. E reforça que caixa é um fato, já o lucro é uma opinião.

Segundo Assaf Neto (1946), afirmam que fluxo de caixa é um instrumento importante para o processo de tomada de decisão, planejamento e controle dos recursos financeiros da empresa.

Na visão de Frezatti (1997) empresas com dificuldades financeiras que estão evitando a falência se debruçam no fluxo de caixa para buscar a saída de suas dificuldades.

Segundo Ludícibus (1998), fluxo de caixa normalmente está vinculada às análises de curto prazo e à gerência financeira do dia-a-dia.

Conforme Campos Filho (1999 p. 23), países como Estados Unidos em 1987 e Reino Unido em 1992, já tornaram obrigatória a demonstração dos fluxos de caixa além do Balanço Patrimonial e da Demonstração de Resultados.

No Brasil, a lei nº. 11.638 de 28 de dezembro de 2007 relata: “A companhia fechada com patrimônio líquido, na data do balanço, inferior a R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais) não será obrigada à elaboração e publicação da demonstração dos fluxos de caixa.” (NR).

Ainda para a lei nº. 11.638, veremos a seguir o artigo 188 que trata do esquema do fluxo de caixa:

Art. 188. As demonstrações referidas nos incisos IV e V do caput do art. 176 desta Lei indicarão, no mínimo: (Redação dada pela Lei nº 11.638,de 2007)

I – demonstração dos fluxos de caixa – as alterações ocorridas, durante o exercício, no saldo de caixa e equivalentes de caixa, segregando-se essas alterações em, no mínimo, 3 (três) fluxos: (Redação dada pela Lei nº. 11.638,de 2007)

a) das operações; (Redação dada pela Lei nº. 11.638,de 2007)

b) dos financiamentos; e (Redação dada pela Lei nº. 11.638,de 2007)

c) dos investimentos; (Redação dada pela Lei nº. 11.638,de 2007)

II – demonstração do valor adicionado – o valor da riqueza gerada pela companhia, a sua distribuição entre os elementos que contribuíram para a geração dessa riqueza, tais como empregados, financiadores, acionistas, governo e outros, bem como a parcela da riqueza não distribuída. (Redação dada pela Lei nº 11.638,de 2007)

III - o excesso ou insuficiência das origens de recursos em relação às aplicações, representando aumento ou redução do capital circulante líquido;

IV - os saldos, no início e no fim do exercício, do ativo e passivo circulantes, o montante do capital circulante líquido e o seu aumento ou redução durante o exercício.

No entender de Marion (2005), temos dois grupos com as principais influencias de caixa. No primeiro grupo vamos relacionar as transações que aumentam o caixa:

- Integralização do capital pelos sócios ou acionistas;
- Empréstimos bancários e financiamentos;
- Venda de itens do Ativo Permanente;
- Vendas a vista e recebimento de duplicatas a receber;
- Outras entradas.

Em continuidade, as transações que diminuem o caixa:

- Pagamento de dividendos aos acionistas;
- Pagamento de juros e amortizações da dívida;
- Aquisição de item do Ativo Permanente;
- Compras a vista e pagamentos de fornecedores;
- Pagamentos de despesa/custo, contas a pagar e outros.

A seguir veremos alguns modelos de fluxo de caixa.

2.2 FLUXO DE CAIXA MODELO DIRETO

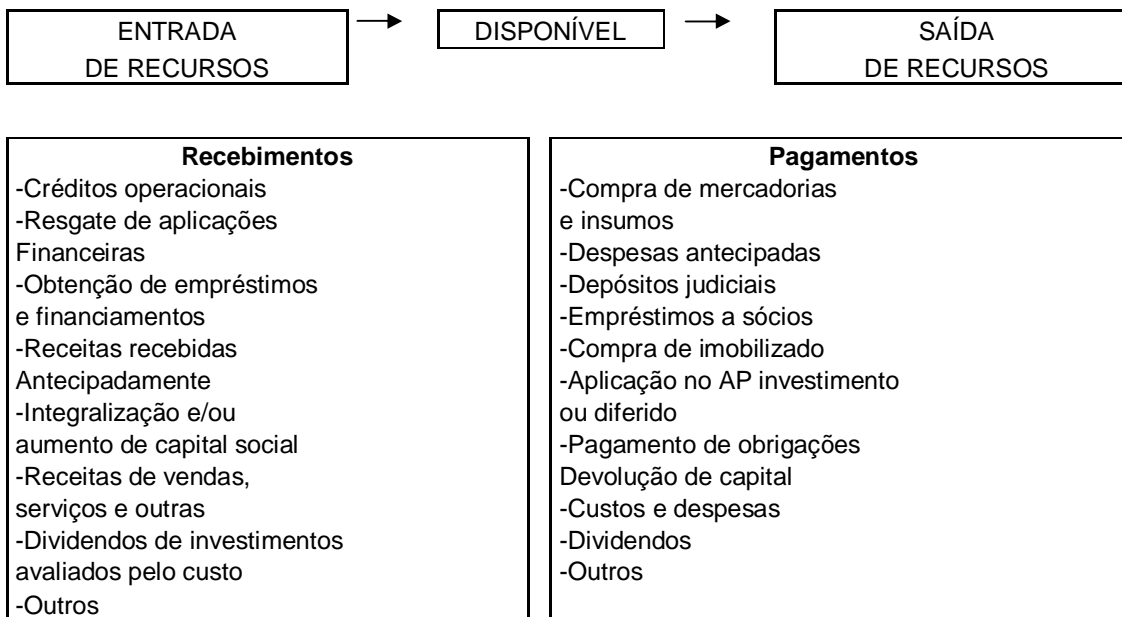
No Fluxo de Caixa Modelo Direto, as entradas e saídas de numerários são demonstradas a começar das vendas, pelos valores realizados, ao invés do lucro líquido, como no Método Indireto.

Segundo Marion (2005), as demonstrações financeiras utilizadas para a realização do fluxo de caixa modelo direto são: Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício DRE, Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados (DLPA) e Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos (DOAR).

“A vantagem desse método é que permite gerar as informações com base nos critérios técnicos, eliminando, assim, qualquer interferência da legislação fiscal” (CAMPOS FILHO 1999, p. 30).

Conforme Sá (2006), o fluxo de caixa pelo método direto faz o empresário perceber se o caixa está tendo um déficit ou superávit.

Segundo Neves (2005) o fluxo de caixa modelo direto é esquematizado da seguinte forma:



Quadro 2: Esquematização do Fluxo de Caixa Modelo Direto.

Esquema Básico

1. Ingressos (entradas de recursos)

Recebimento de Clientes

- (+) Recebimento de empréstimos de curto prazo
- (+) Dividendos recebidos de investimentos de curto prazo
- (-) Pagamento a fornecedores
- (-) Impostos e contribuições pagos
- (-) Pagamentos de despesas operacionais, inclusive despesas antecipadas
- (=) *Recursos derivados das Operações*
- (+) Recebimentos por venda de bens permanentes
- (+) Resgate de aplicações temporárias
- (+) Ingresso de novos empréstimos
- (+) Integralização de capital
- (+) Resgate de depósitos judiciais
- (+) Ingressos de outros recursos
- (=) *Total das entradas de recursos*

2. Aplicações de recursos

Pagamento de dividendos

Aquisição de participações societárias

Aplicações no AP (imobilizado e diferido)

Pagamento de empréstimos a longo prazo

Outros pagamentos

3. Variação líquida do disponível (1-2)

4. (+) saldo inicial do disponível

5. (=) Saldo final do disponível (3+4)

Em seguida será analisado o método indireto, onde o resultado de uma mesma organização deverá ser idêntico a método indireto, pois a demonstração é do fluxo de caixa, somente vista de ângulos diferentes.

2.3 FLUXO DE CAIXA MODELO INDIRETO

Nesse método, a partida para o demonstrativo é o lucro somado com as contas de resultado que não afetaram o caixa. Posteriormente a geração de caixa operacional e não operacional é a diferença do saldo inicial com o saldo final das contas do Balanço Patrimonial.

Segundo Neves (2005) a demonstração do fluxo de caixa pelo método indireto, é muito similar a DOAR, com a diferença que as variações do Ativo Circulante (exceto o disponível) e o Passivo Circulante passam a integrar as origens e aplicações de recursos da demonstração.

Para Campos Filho (1999), o modelo indireto tem duas vantagens que são:

- A utilização apenas de dois balanços (do início e do final do período), a demonstração de resultados e algumas informações adicionais que podem ser fornecidas pela contabilidade;
- Mostra a composição da diferença entre o lucro contábil com o fluxo de caixa operacional líquido.

A seguir será abordado o modelo de DFC conforme Sá (2006):

Saldo Inicial

mais

Geração Interna de Caixa

Lucro líquido
Depreciação
Provisão de férias e 13º
Juros provisionados s/ empréstimos
Lucro de equivalência patrimonial

mais

Geração Operacional de Caixa

Contas a receber
Estoques
Fornecedores
Salários, encargos e benefícios
Outros exigíveis

mais

Geração não Operacional de Caixa

Imobilizado
Empréstimos bancários
Financiamentos
Capital social

igual a

Saldo Final

Entendendo que:

1. Geração Interna de Caixa compreende:
 - Fluxo da atividade principal, compreendendo a Geração Interna de Caixa menos o fluxo financeiro e o fluxo das participações acionárias.
 - Fluxo das atividades financeiras, compreendendo o caixa gerado pelo resultado financeiro líquido.
 - Fluxo das participações acionárias, compreendendo os dividendos recebidos.
2. Geração Operacional de Caixa for decomposta em:
 - Caixa gerado pela variação dos saldos do Ativo Cíclico.
 - Caixa gerado pela variação dos saldos do Passivo Cíclico.

3 – A geração não Operacional de Caixa for decomposta em:

- Fluxo das atividades de investimento, compreendendo os fatos que causam variações nos saldos das contas do Ativo não Cíclico.
- Fluxo das atividades de financiamento, compreendendo os fatos que causam variações nos saldos das contas do Passivo não Cíclico e errático. Neste caso, os atrasos de pagamento que a empresa possa eventualmente ter para com seus credores devem ser tratados como empréstimos de curto prazo e incluídos no Passivo Errático.

2.4 MODELO DE FLUXO DE CAIXA NORTE-AMERICANO

Nos Estados Unidos existe o FASB (Financial Accounting Standart Board), que é o comitê de padrões de contabilidade financeira. Esse comitê norte-americano estudou o assunto Fluxo de Caixa durante 10 anos (CAMPOS FILHO, 1999, p. 25).

A seguir veremos o modelo de fluxo de caixa norte-americano segundo Campos filho (1999, p. 25).

I - Disponibilidades

Caixa

Depósitos Bancários a vista

Aplicações de alta liquidez

II – Atividades Operacionais

Recebimentos operacionais de:

- Clientes por venda a vista
- Clientes por venda a prazo
- Clientes – adiantamentos
- Rendimentos de aplicações financeiras
- Juros de empréstimos concedidos
- Dividendos recebidos
- Outros recebimentos

Pagamentos Operacionais a:

- Fornecedores de matérias-primas
- Fornecedores de mercadorias

- Adiantamentos a fornecedores
- Salários e encargos
- Utilidades e serviços
- Tributos
- Encargos financeiros
- Outros pagamentos

III – Atividades de Investimentos

- Aplicações financeiras (com prazo de vencimento maior que três meses)
- Empréstimos concedidos
- Participações com controladas/coligadas
- Participações em outras empresas
- Terrenos
- Obras Civis
- Móveis – utensílios – instalações
- Máquinas – ferramentas – equipamentos
- Veículos de uso
- Equipamentos de processamento de dados
- Software/aplicativos de informática

IV – Atividades de Financiamentos

- Empréstimos bancários
- Financiamento/leasing
- Recursos próprios
- (-) Dividendos pagos

Logo, veremos o fluxo de caixa projetado, onde poderemos projetar o fluxo de caixa visando possíveis sobras ou faltas de recursos.

2.5 FLUXO DE CAIXA PROJETADO

Chamamos de fluxo de caixa projetado ao produto final da integração das entradas e das saídas de caixa que se imagina que ocorrerão no período projetado (SÁ, 2006).

Ainda para Sá (2006), o objetivo do fluxo de caixa projetado é prever quando e em que montante haverá sobra ou falta de caixa.

O fluxo de caixa projetado de curto prazo nada mais é do que um modelo que construímos com o objetivo de verificar como se comportará o saldo de caixa no período considerado (SÁ, 2006 p. 76).

Conforme Sanvicente (1983), a projeção dos saldos de caixa poderá demonstrar que, em determinado mês, o saldo será negativo, ou que haverá excessos de caixa; quando isto acontece, é função do tesoureiro verificar as fontes alternativas para a obtenção dos fundos adicionais exigidos, e tomar as primeiras providências que se fizerem necessárias.

Sanvicente (1983) afirma:

A projeção do fluxo de caixa permite que se visualize a provável posição do saldo de caixa no decorrer dos meses cobertos pelo período orçamentário, e em função disto torna-se possível identificar as prováveis faltas futuras de caixa, bem como os meses que haverá excessos de numerários disponíveis.

Ainda para Sanvicente (1983), a administração tendo conhecimento da provável falta de recurso de caixa poderá avaliar as alternativas disponíveis para sanar o problema.

Para Sá (2006), o profissional responsável pela elaboração do fluxo de caixa projetado a curto prazo tem duas dificuldades evidentes, que são elas:

- ✚ A natureza do negócio da empresa: tem empresa que são mais previsíveis que outras, tais como, uma firma que presta serviço público, que seu recebimento está sujeito à conclusão de etapas da obra e depende das verbas disponíveis. Já uma empresa de transporte de funcionários que trabalho por contrato fechado, é muito mais fácil prever o fluxo de caixa da empresa de transporte do que da empresa que presta serviço público.
- ✚ A falta de disciplina financeira: empresas que não tem controle de compras, que somente sabem do fato na hora que chega o boleto para devido pagamento. O responsável pela projeção deve ser informado das aquisições da empresa para que se possa incluir em seu planejamento financeiro.

Ainda para Sá (2006), a projeção do fluxo de caixa se torna difícil no tocante entrada, pois possuímos mais controle das saídas do que sobre as entradas. Podemos prever nossas saídas e cortar despesas, porém não podemos obrigar o cliente a comprar. Contudo, quando o cliente é praticamente fixo, e sabemos quanto

vai ser faturado mensalmente para o mesmo, fica mais fácil fazer uma projeção a longo prazo.

Continua Sá (2006 p. 62), empresas com adequado sistema informatizado, que integra contas a pagar como a receber a um programa de fluxo de caixa, ao ser contratado um serviço ou adquirido algum material, o sistema já informa qual é a previsão do pagamento. Com este sistema de informação a projeção do fluxo de caixa se atualiza automaticamente.

Para Weston (2000), o papel da equipe financeira no processo de projeção inclui:

- ✚ Coordenar os esforços dos outros departamentos, como engenharia e marketing;
- ✚ Garantir que todos os envolvidos na projeção utilizem uma série consistente de suposições econômicas;
- ✚ Garantir que nenhuma distorção esteja incluída nas projeções.

Quanto mais distante no futuro estiver à projeção, menos precisa ela será. Por isso, costuma-se limitar o horizonte da projeção (SÁ 2006, p. 175).

Para Sanvicente (1983), empresas de grande e médio porte efetuam a projeção do fluxo de caixa. As empresas sentem necessidade de prever o fluxo em períodos de inflação, devido à manutenção de elevados saldos em caixa podendo levar a prejuízos, sendo que este valor poderia estar sendo aplicado produtivamente. Mas também a falta de dinheiro pode ocasionar elevados juros para a captação com terceiros.

Conforme Sá (2006), fazendo uma comparação do fluxo de caixa realizado e do fluxo de caixa projetado, podemos verificar:

- ✚ Quais os recebimentos projetados que não entraram?
- ✚ Quais os recebimentos não projetados que entraram?
- ✚ Quais as saídas de caixa prevista que não ocorreram?
- ✚ Quais as saídas de caixa não prevista que se realizaram?

Exemplo de fluxo de caixa projetado segundo Sá (2006).

	5-7-04	6-7-04	8-7-04	9-7-04	10-7-04
Saldo Inicial	1.131.468,00	1.099.058,00	1.042.538,00	1.016.668,00	981.718,00
Mais					
Entradas	20.000,00	25.000,00	30.000,00	50.000,00	50.000,00
Recebimento de clientes	20.000,00	25.000,00	30.000,00	50.000,00	50.000,00
Total das Entradas	20.000,00	25.000,00	30.000,00	50.000,00	50.000,00

Mais					
Saídas					
Despesas industriais	(13.550,00)	(16.730,00)	(33.570,00)	(68.100,00)	(37.712,00)
Despesas comerciais	(5.260,00)	(2.290,00)	(8.900,00)	(9.600,00)	(8.580,00)
Despesas administrativas	(1.000,00)	(1.900,00)	(900,00)	(5.550,00)	(3.400,00)
Despesas de pessoal	(32.600,00)	(4.600,00)	(8.000,00)	(1.700,00)	(870,00)
Impostos e taxas		(56.000,00)			
Despesas de veículos					(400,00)
Despesas patrimoniais			(4.500,00)		
Total das Saídas	(52.410,00)	(81.520,00)	(55.870,00)	(84.950,00)	(50.962,00)
igual a					
Saldo Final	1.099.058,00	1.042.538,00	1.016.668,00	981.718,00	980.756,00

Tabela 1: Exemplo do Fluxo de Caixa Projetado.

2.6 FLUXO DE CAIXA OPERACIONAL

O fluxo de caixa operacional o próprio nome já diz, é o fluxo produzido pela própria atividade da empresa.

Para Assaf Neto (1997), de maneira genérica, a identidade básica de cálculo do fluxo de caixa operacional é desenvolvida da seguinte forma:

$$\text{Fluxo de Caixa Operacional} = \text{Lucro Operacional} - \text{IR sobre Lucro Operacional} \\ \pm \text{Despesas/Receitas Operacionais que não envolvem Recursos}$$

Segundo Ross (2002), o lucro líquido pode ser encontrado na demonstração de resultado, soma as despesas não desembolsadas e fazer ajustes por variações de ativos e passivos circulantes (exceto caixa). O resultado é o fluxo de caixa das atividades operacionais.

O simples aumento no saldo de caixa não significa que as atividades operacionais estão gerando caixa. Para saber se a operação está gerando caixa, é necessário analisar o fluxo de caixa (HOJI, 2001 p. 115).

Para melhor visualização, Hoji (2001, p. 116) sugere a demonstração financeira e em seguida a Demonstração do fluxo de caixa da "Companhia Giro":

BALANÇO PATRIMONIAL					
Mês	Inicial	1	2	3	4
ATIVO					
Caixa e Bancos	400.000	800.000	1.100.000	1.000.000	1.100.000
Duplicatas a receber	1.000.000	700.000	1.200.000	1.200.000	1.200.000

Estoques	1.200.000	1.200.000	1.200.000	1.200.000	1.200.000	
Imobilizado	400.000	400.000	400.000	400.000	400.000	
Total do Ativo	3.000.000	3.100.000	3.900.000	3.800.000	3.900.000	
PASSIVO						
Fornecedores	650.000	650.000	850.000	650.000	650.000	
Empréstimos Bancários - CP	1.800.000	1.800.000	2.300.000	2.300.000	2.300.000	
Financiamentos - LP	100.000	100.000	100.000	100.000	100.000	
Patrimônio Líquido	450.000	550.000	650.000	750.000	850.000	
Total do Passivo	3.000.000	3.100.000	3.900.000	3.800.000	3.900.000	
DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO						
Mês	0	1	2	3	4	Soma
Vendas Líquidas	1.600.000	1.600.000	1.600.000	1.600.000	1.600.000	6.400.000
(-) Custos	(1.000.000)	(1.000.000)	(1.000.000)	(1.000.000)	(1.000.000)	(4.000.000)
(-) Despesas	(500.000)	(500.000)	(500.000)	(500.000)	(500.000)	(2.000.000)
(=) Lucro	100.000	100.000	100.000	100.000	100.000	400.000

Mês	1	2	3	4	Soma
Recebimento de vendas	1.900.000	1.100.000	1.600.000	1.600.000	6.200.000
(-) Pagamentos de compras	(1.000.000)	(800.000)	(1.200.000)	(1.000.000)	(4.000.000)
(-) Pagamento de despesas	(500.000)	(500.000)	(500.000)	(500.000)	(2.000.000)
Superávit (déficit) das Operações	400.000	(200.000)	(100.000)	100.000	200.000
(+/-) Imobilizado	-	-	-	-	-
(+/-) Empréstimos	-	500.000	-	-	500.000
(+) Saldo Inicial de Caixa	400.000	800.000	1.100.000	1.000.000	400.000
(=) Saldo final de Caixa	800.000	1.100.000	1.000.000	1.100.000	1.100.000

Tabela 2: Balanço Patrimonial, Demonstração de Resultado e Fluxo de caixa.

Para Hoji (2001), a “Companhia Giro” gerou um lucro de R\$ 400.000 e aumentou o saldo de caixa em R\$ 700.000. Sendo que o saldo de caixa compõe-se de R\$500.000 referente empréstimo e R\$ 200.000 gerados pelas operações.

2.7 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Hoji (2001) relata que o planejamento financeiro, como o próprio nome já diz, consiste em planejar as despesas e receitas financeiras. Para isso, é exigido

conhecimento profundo do mercado financeiro e da economia brasileira e internacional.

Planejamento financeiro para Assaf Neto (2007), é:

O qual procura evidenciar as necessidades de expansão da empresa, assim como identificar eventuais desajustes futuros. Por meio do planejamento, ainda, é possível ao administrador financeiro selecionar, com maior margem de segurança, os ativos mais rentáveis e condizentes com os negócios da empresa, de forma a estabelecer mais satisfatória rentabilidade sobre os investimentos;

Os objetivos da projeção do fluxo de caixa de curto prazo são claros: servir de base para um planejamento financeiro que permita uma correta administração dos eventuais excessos e/ou escassez de caixa previsto no período projetado (SÀ, 2006 p. 78).

A projeção dia a dia das entradas e faz saídas de caixa, constitui-se em instrumento insubstituível quando se trata de fazer o planejamento financeiro (SÀ 2006, p. 119).

Segundo Zdanowicz (1992, p. 28)

O fluxo de caixa é o instrumento mais importante para o administrador financeiro, pois através dele, planeja as necessidades ou não de recursos financeiros a serem captados pela empresa. de acordo com a situação econômico-financeira da empresa ele irá diagnosticar e prognosticar os objetivos máximos de liquidez e de rentabilidade para o período em apreciação, de forma quantificada em função das metas propostas.

Através do fluxo de caixa o administrador financeiro pode determinar os objetivos e as metas a serem alcançadas pela empresa, de forma antecipada, consistente e racional (ZDANOWICZ, 1992, p. 33).

Manter o equilíbrio financeiro interno, segundo Zdanowicz (1992), exige um constante acompanhamento por parte da administração financeira. Deve-se colocar em foco os itens que podem causar a falta de recursos a empresa e, em consequência, desequilibra-la.

2.8 CONTABILIDADE COMO INFORMAÇÃO E TOMADA DE DESCISÃO

Segundo Horngren (2004), A informação contábil proporciona aos gestores uma decisão melhor e mais fundamentada. Existem três tipos de usuários da informação contábil, que são eles:

- ✚ Gestores internos, que utilizam a informação a curto prazo para planejamento e controle de operações rotineiras.
- ✚ Gestores internos, que utilizam a informação a longo prazo para operações não rotineiras.
- ✚ Usuários externos, que utilizam a informação para tomar decisões a respeito da empresa, tais como investidores.

Independente do tipo de organização, os gestores beneficiam-se quando a contabilidade fornece informações que os ajudam a planejar e controlar as operações da organização (HORNGREN, 2004, p. 8).

Informação Contábil para Atkinson (2000) são os dados financeiros e operacionais de todos os processos que a empresa passa, como por exemplo, o cálculo do custo de produção de um produto.

O conceito de gerenciamento para que a administração seja usada no processo de administração, é necessário que essa informação contábil seja desejável e útil para as pessoas responsáveis (PADOVEZE, 1997, p. 35).

Autores como Padoveze (1997), afirmam que a contabilidade por si só é um sistema de informação. Porém esta informação não pode custar mais do que vale para a administração.

Padoveze (1997), afirma que atualmente as empresas descartam a contabilidade como um sistema de informação, utilizando-a apenas para cumprir a obrigação com fisco.

Segundo Padoveze (1997, p. 38) afirma:

Para que um sistema de informação contábil seja vivo dentro de uma empresa, é preciso o apoio da alta administração da companhia. Por conseguinte, a necessidade tem que ser sentida pela alta cúpula da empresa, fazendo com que a partir daí, tenhamos tranquilidade para desenvolver e manter adequadamente o sistema de informação.

Conforme Padoveze (1997), a obrigação do contador é fornecer o que for requisitado pelo administrador. O contador nunca deve opinar, exceto quanto for requisitada a sua opinião.

Uma informação dentro do prazo é muito mais importante de que uma informação precisa atrasada (PADOVEZE, 1997, p. 49).

Segundo Hoji (2001), as decisões sobre o fluxo financeiro são efetuadas antes que ocorra a efetivação do pagamento ou do recebimento, restando pouca coisa para o tesoureiro.

Informações são o resultado de dado ou conjunto de dados adequadamente processados para que o usuário final as compreenda e possa tomar decisões com base nelas (HOJI, 2001 p. 356).

No mundo globalizado, sem um sistema de informações gerenciais ágil que produza informações confiáveis, uma empresa perde competitividade (HOJI 2001 p. 356).

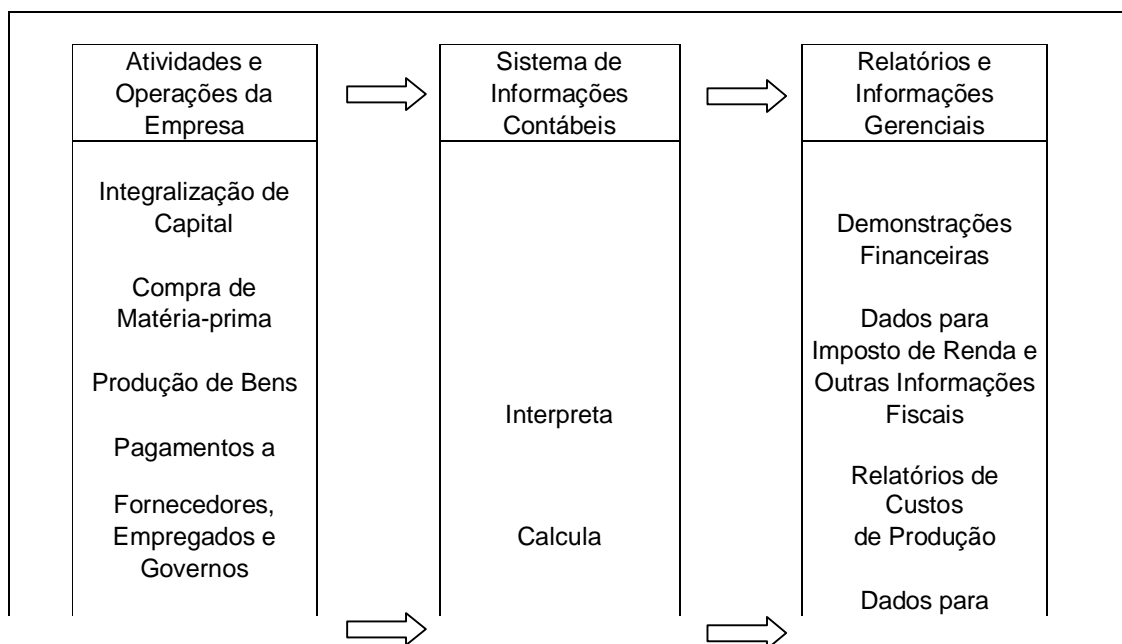
Sistema de informações gerencial pode ser entendido como um conjunto de subsistemas de informações que processam dados e informações para fornecer subsídios ao processo de gestão (HOJI 2001, p. 356).

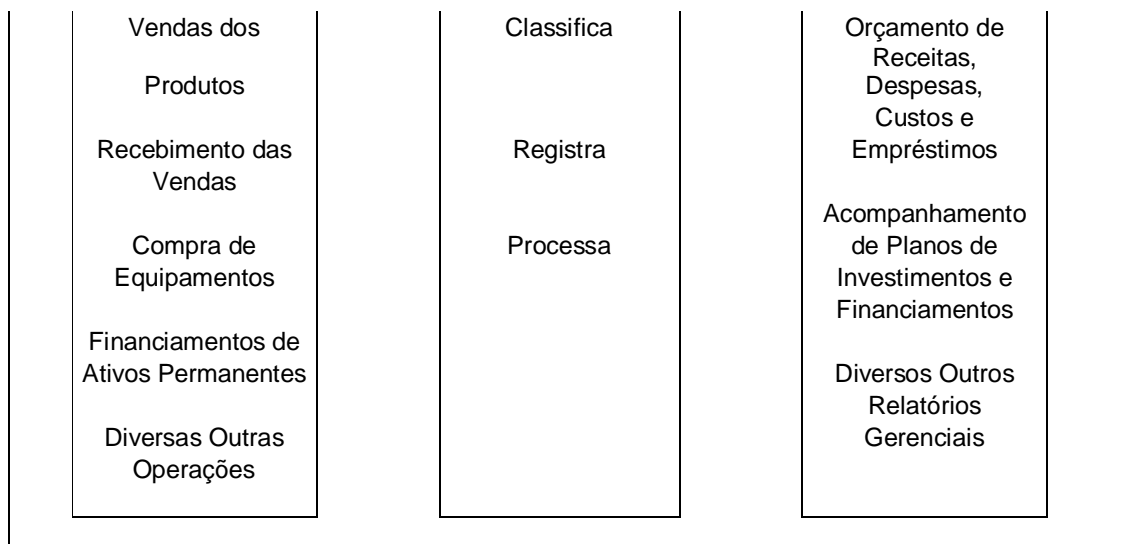
O processo de tomada de decisão reflete a essência do conceito de Administração. Reconhecidamente, administrar é decidir, e a continuidade de qualquer negócio depende da qualidade das decisões (...) (ASSAF NETO 2007 p. 33).

Continua Assaf Neto (2007), dizendo que essas decisões tomadas pela administração são baseadas em dados levantados pela contabilidade, tanto dentro da empresa quanto fora.

É consagrado que o aspecto mais importante de uma decisão de investimento centra-se no dimensionamento dos fluxos previstos de caixa a serem produzidos pelas propostas em análise (ASSAF NETO 2007, p. 326).

A seguir veremos o modelo de sistema de informações contábeis segundo Silva (2001 p. 40).





Quadro 3: Modelo de sistema de informações.

Sobre isso, Marion (2005), assim se pronuncia:

A contabilidade é o grande instrumento que auxilia a administração a tomar decisões. Na verdade, ela coleta todos os dados econômicos, mensurando-os monetariamente, registrando-os e resumindo-os em forma de relatórios ou de comunicados, que contribuem sobremaneira para a tomada de decisões.

Para Silva (2001), cada fato contábil deve ser claramente registrado, para que o mesmo possa gerar informações necessárias tanto para usuários internos quanto aos usuários externos.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego de processos científicos (CERVO, 1996, p. 44).

Para Silva (2003, p. 48)

A pesquisa, a priori, possui três fases que interagem entre si: o planejamento, a execução e a apresentação. As duas etapas iniciais são atendidas com a elaboração do Projeto de Pesquisa e a última, com os relatos posteriores da pesquisa realizada.

Conforme Silva (2003) o pesquisador necessita desenvolver um processo de investigação, onde ele identifique o conhecimento científico que se deseja buscar e suas implicações de modo absoluto. O mesmo precisa desenvolver um olhar preparado para analisar os dados coletados, pois quanto mais informado e formado, maior será a riqueza de suas análises.

“As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relação entre variáveis” (GIL, 2002, P. 42).

Segundo Cervo (1996), a pesquisa descritiva observa, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Sendo assim, busca conhecer diversas situações e relações que ocorrem.

Já as pesquisas explicativas para Gil (2002) “essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais se aprofunda o conhecimento da realidade” (GIL, 2002, P. 42).

O questionário para Cervo (1996), é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão que se deseja. O questionário contém um conjunto de questões, logicamente elaboradas com um problema central.

A presente pesquisa de campo tem caráter descritivo exploratório com predominância qualitativa, **não seguindo nenhum critério para a seleção das empresas questionadas.**

4 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Optou-se por enviar um conjunto de questões a 22 empresas na região de Pato Branco, tomando-se como amostra operacional os questionários desenvolvidos, corretamente preenchidos. Dos 22 questionários distribuídos, somente 20 concordaram em responder ao questionário, representando um percentual de 91% do total.

Dos administradores questionados, 65% são homens, sendo que a presença feminina na administração fica e torno de 35%. Verificou-se ainda que, a maioria dos administradores encontra-se em uma faixa etária de 18 a 50 anos.

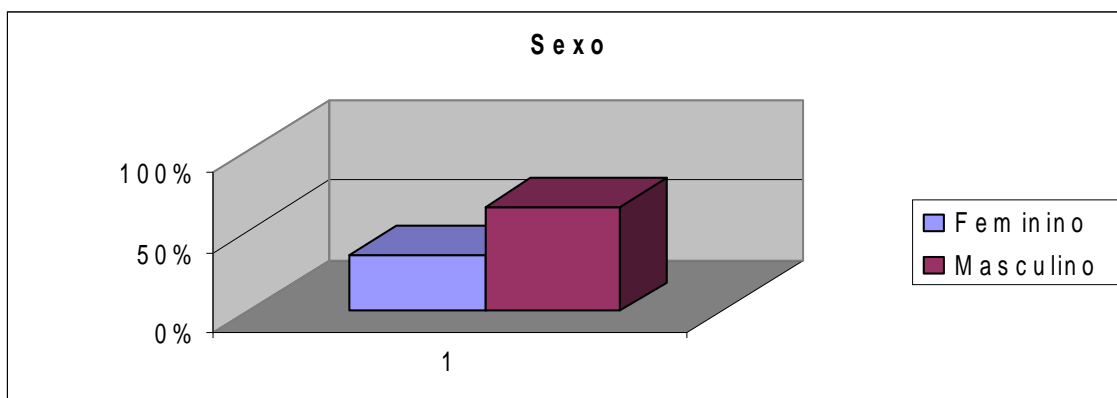


Gráfico 1: Sexo dos entrevistados.

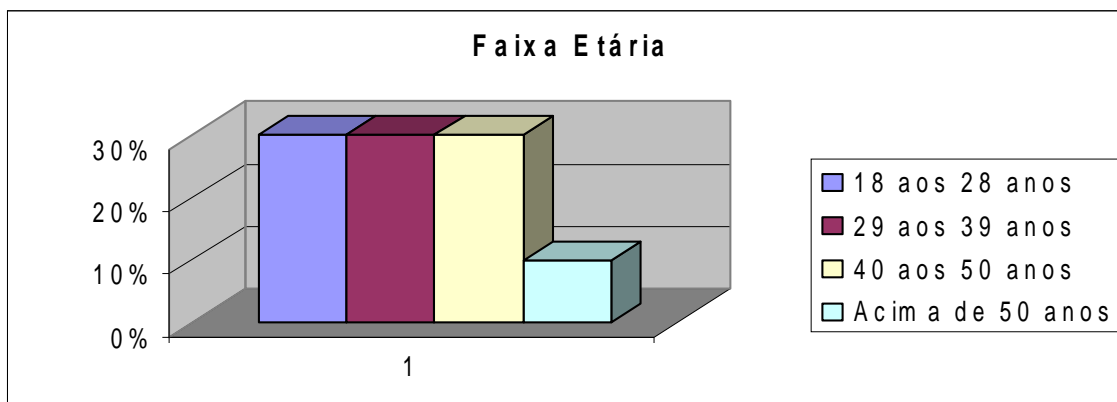


Gráfico 2: Faixa etária dos entrevistados.

Quanto ao grau de escolaridade, constatou-se que 25% possuem segundo grau completo, juntamente com superior incompleto, superior completo e pós-superior. Quando maior o grau de escolaridade, a expectativa de conhecimento na área financeira é maior.

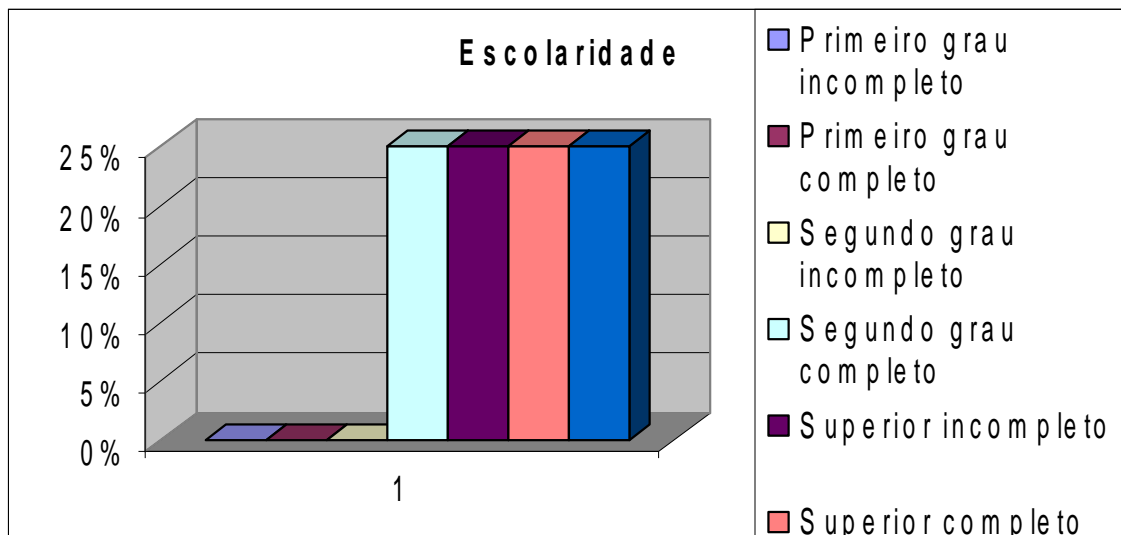


Gráfico 3: Escolaridade dos entrevistados.

Quanto ao cargo exercido na empresa, 90% dos questionados são administradores, e o restante são contadores.

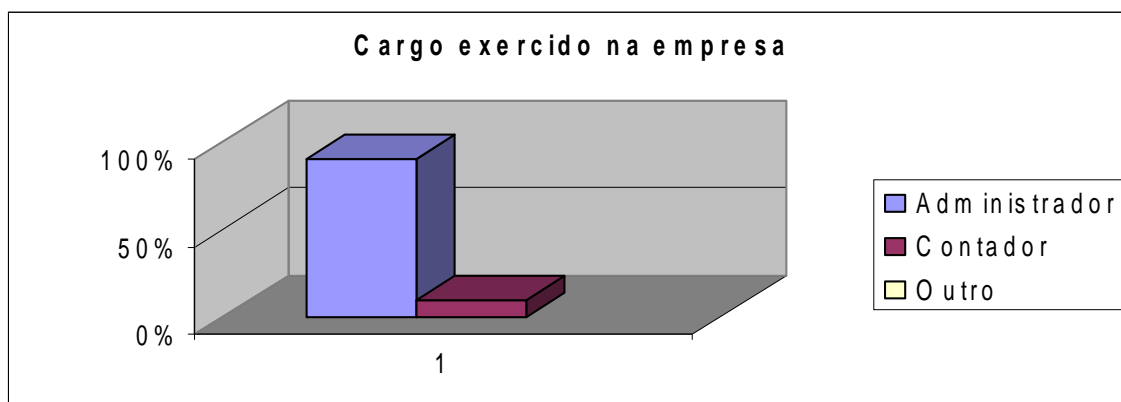


Gráfico 4: Cargo exercido na empresa.

Dos dados coletados, 80% das empresas possuem até 40 (quarenta) funcionários, 10% possuem de 41 (quarenta e um) a 80 (oitenta) funcionários, e os 10% restantes possuem até 160 (cento e sessenta) funcionários.

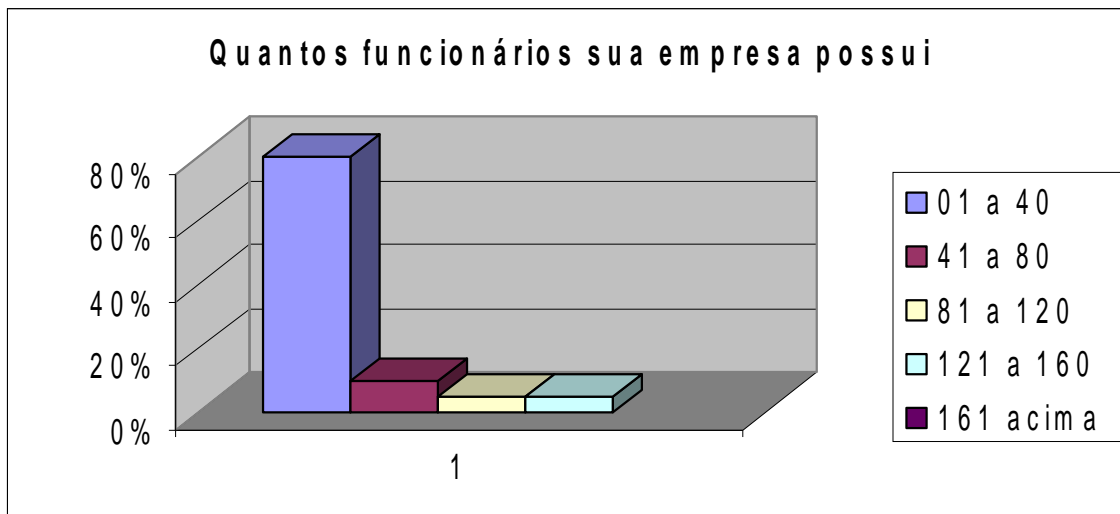


Gráfico 5: Quantidade de funcionários.

Em relação ao ramo de atividade das empresas, 45% são comerciais, 40% prestadoras de serviços e 15% indústria. Foi averiguado ainda, que a maioria das empresas questionadas possui um faturamento mensal acima de R\$ 70.000,00 (setenta mil).

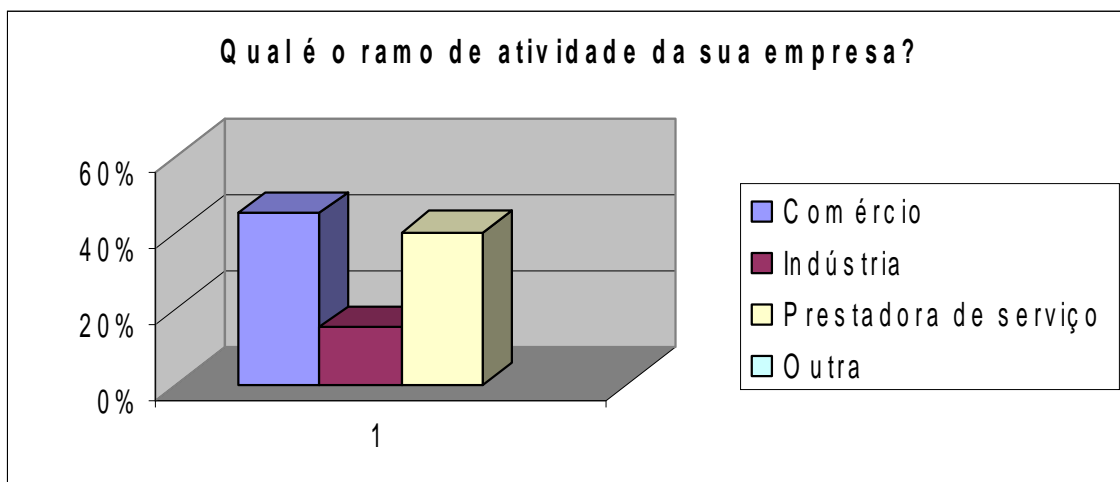


Gráfico 6: Ramo de atividade da empresa.

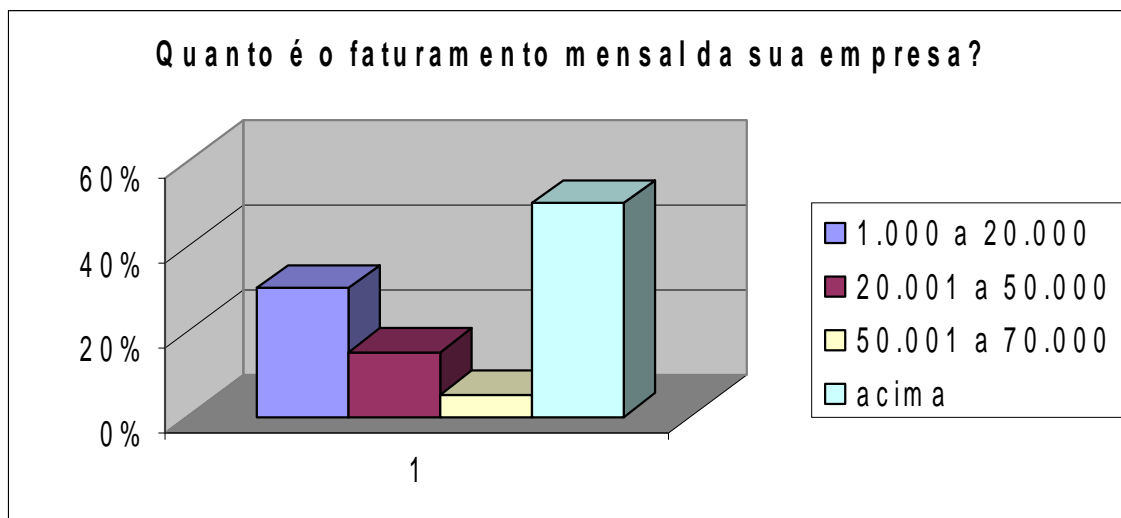


Gráfico 7: Faturamento.

Constatou-se que 70% das empresas possuem controle de recebimentos e pagamentos. Porém, somente 45% das empresas questionadas possuem um planejamento de receitas, custo e despesas. Ou seja, os administradores sentem a necessidade de planejar e controlar o básico. Entretanto, esses controles são de vital importância para uma adequada administração.

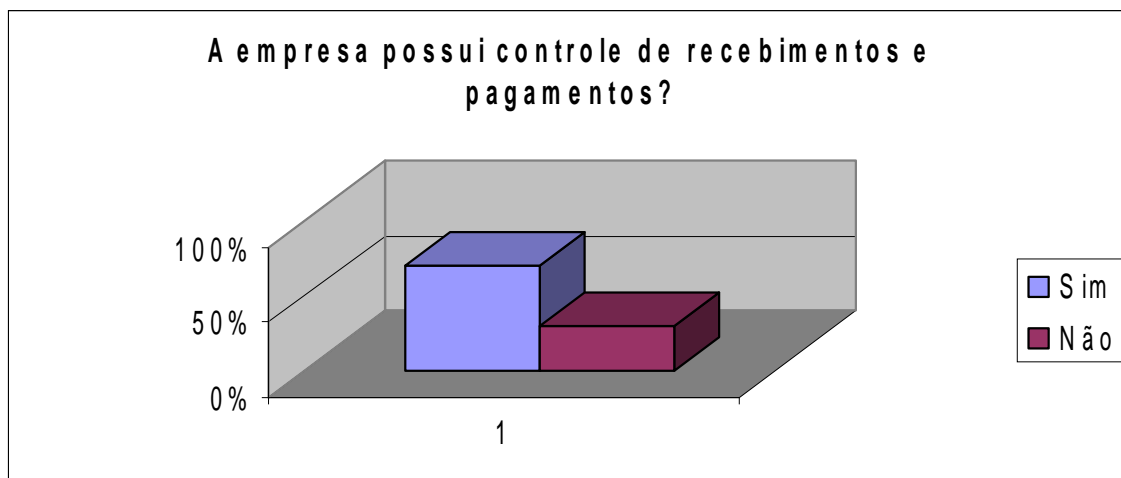


Gráfico 8: Controle de recebimentos e pagamentos.

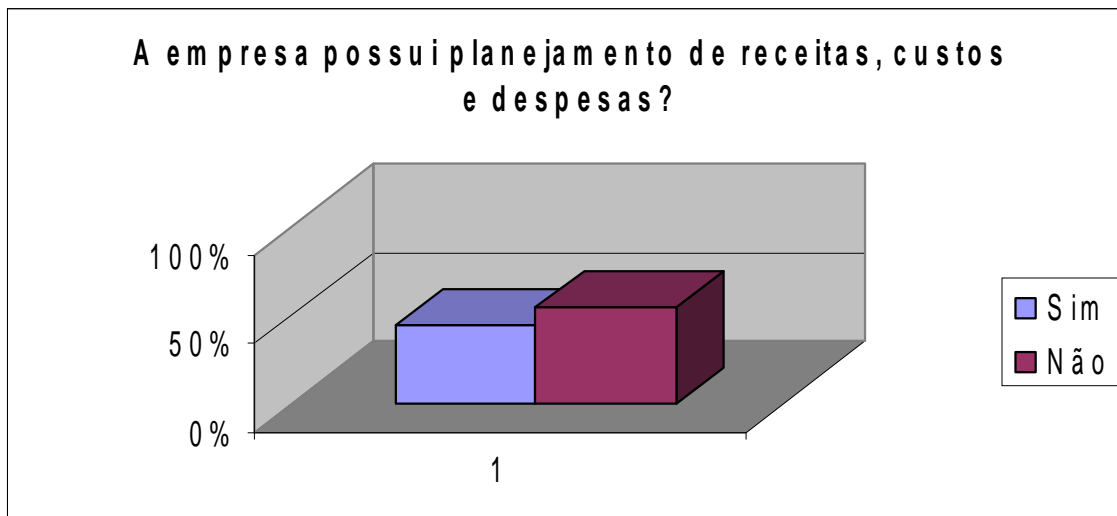


Gráfico 9: Controle de recebimentos e pagamentos.

Verificou-se que 55% das empresas são parcialmente informatizadas, 20% estão totalmente informatizadas e 25% ainda utilizam fichas manuscritas. Atualmente o universo da informática é acessível para a maioria da população. A utilização de fichas manuscritas é inaceitável para quem deseja manter-se competitivo no mercado, isso vale para qualquer ramo de atividade.

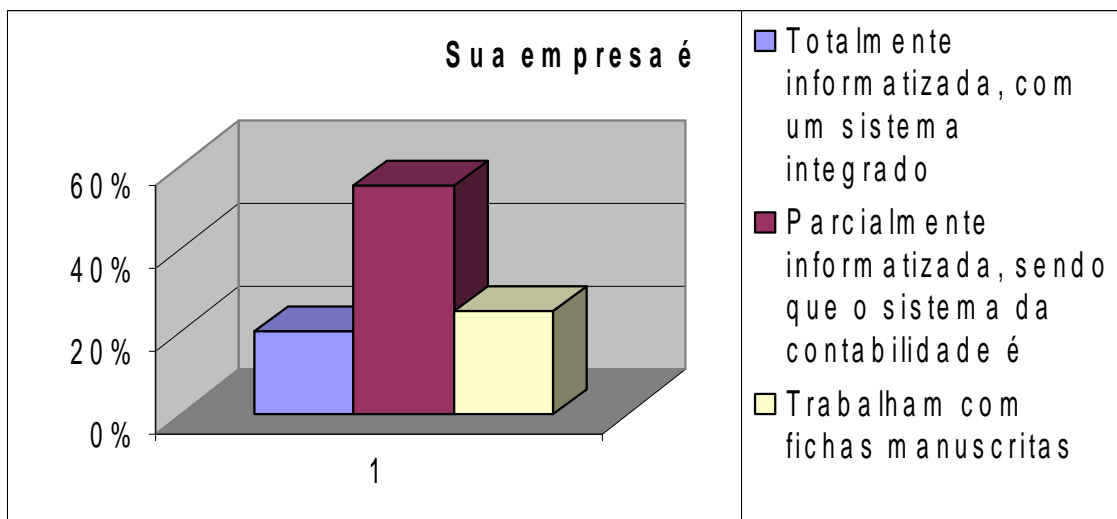


Gráfico 10: Quanto à informatização nas empresas.

Apenas 40% dos administradores utilizam a contabilidade para fornecer informações exatas e a qualquer hora. Restando 60% que utilizam a contabilidade somente para cumprir a obrigação com o fisco. Sendo que 85% destas empresas a contabilidade é feita em um escritório contábil, e apenas 15% são feitas na própria empresa.

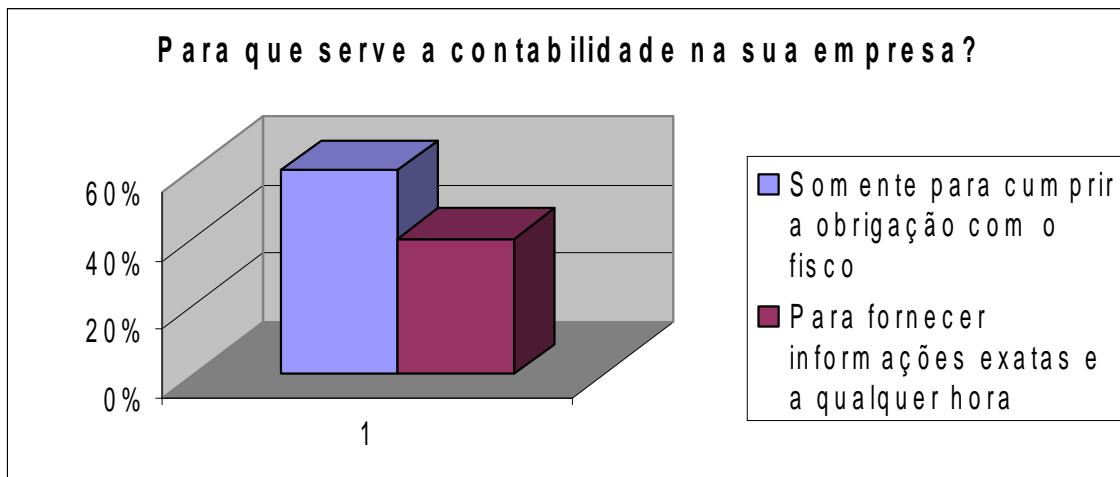


Gráfico 11: A importância da contabilidade na empresa.

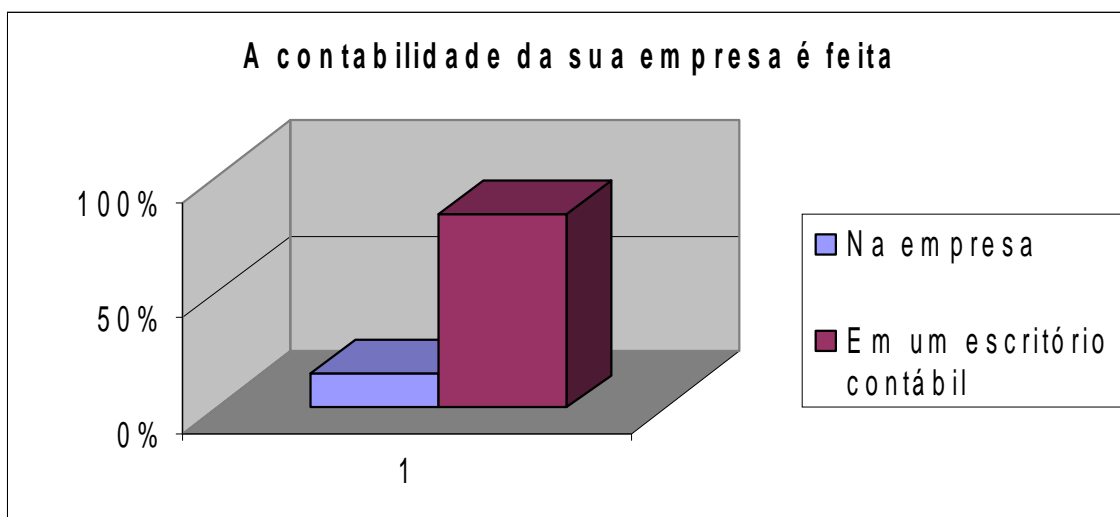


Gráfico 12: Onde é feita a contabilidade.

Foi apurado que 40% dos administradores questionados, não conhecem o fluxo de caixa, contra 40% que conhecem e utilizam a DFC, restando 20% que conhecem o fluxo de caixa, mas não utilizam.

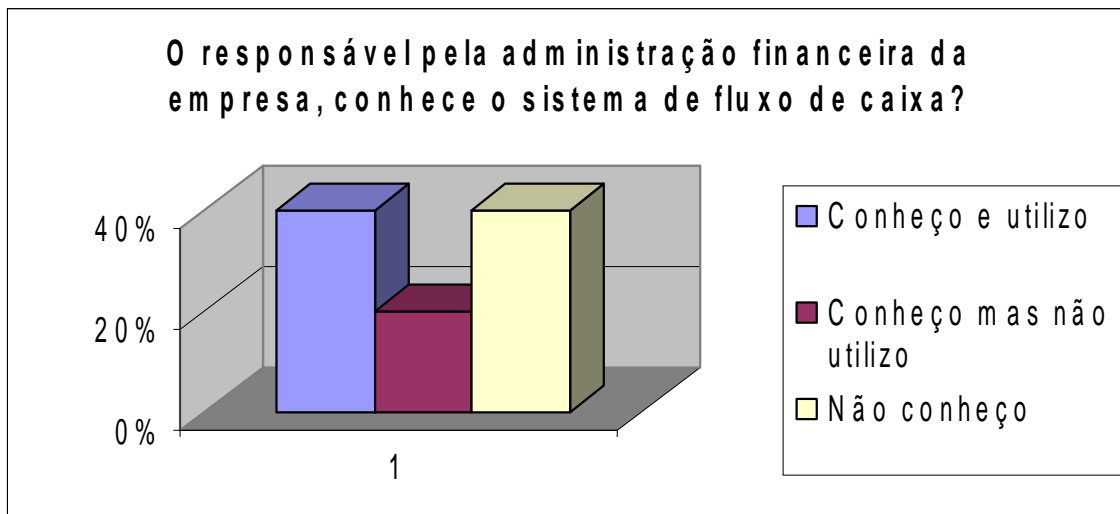


Gráfico 13: O responsável pela administração financeira é conhecedor do sistema de fluxo de caixa.

Foi constatado também que a metade dos administradores financeiros tem meio para detectar com antecedência, uma possível escassez ou excesso de recursos. Contudo, apenas 5% dos administradores questionados possuem um controle de fluxo de caixa projetado, sendo ele de curto e longo prazo. O fluxo de caixa projetado é a ferramenta mais viável para prever e falta ou o excesso de caixa.

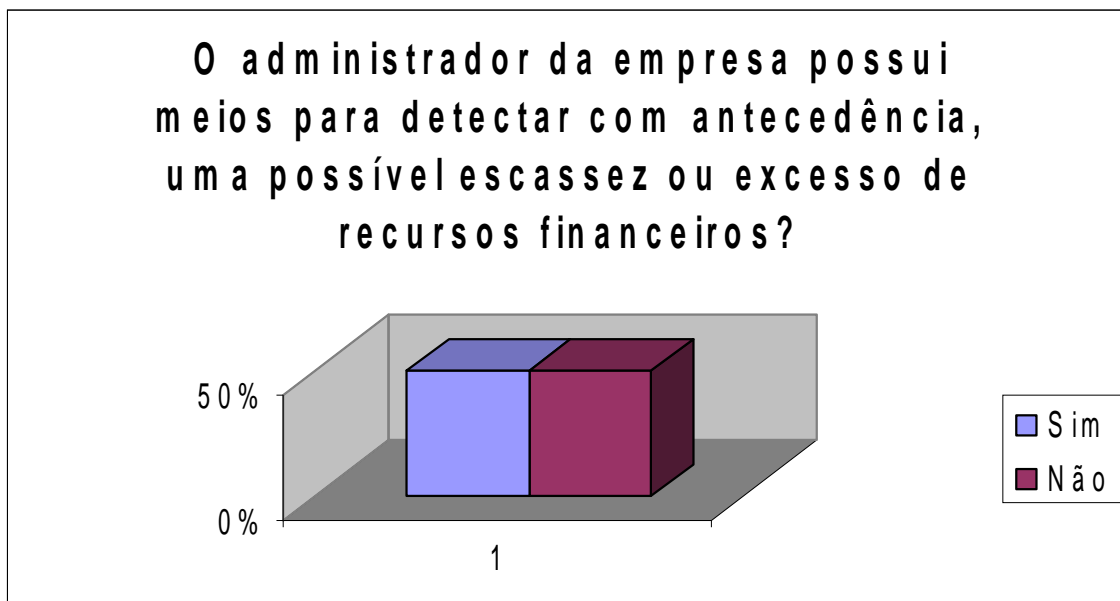


Gráfico 14: O administrador possui meios para detectar com antecedência possível escassez ou excesso de recursos financeiros.

Quando questionado quais relatórios contábeis são utilizados para prever sobras ou faltas de caixa, fora respondidos: Posição financeira; relatórios de vendas,

despesas e recebimentos; DRE (demonstração do resultado do exercício), controles financeiros e diversos relatórios; Balancete.

Os relatórios mais utilizados para o gerenciamento mensal pelos administradores são: relatório referente receita e despesa por atividade; Balancete gerencial e orçamento.

Referente ao planejamento financeiro, apenas 45% das empresas questionadas o faz. No entanto, apenas 5% dos administradores projetam o fluxo de caixa, sendo ele a curto e a longo prazo.

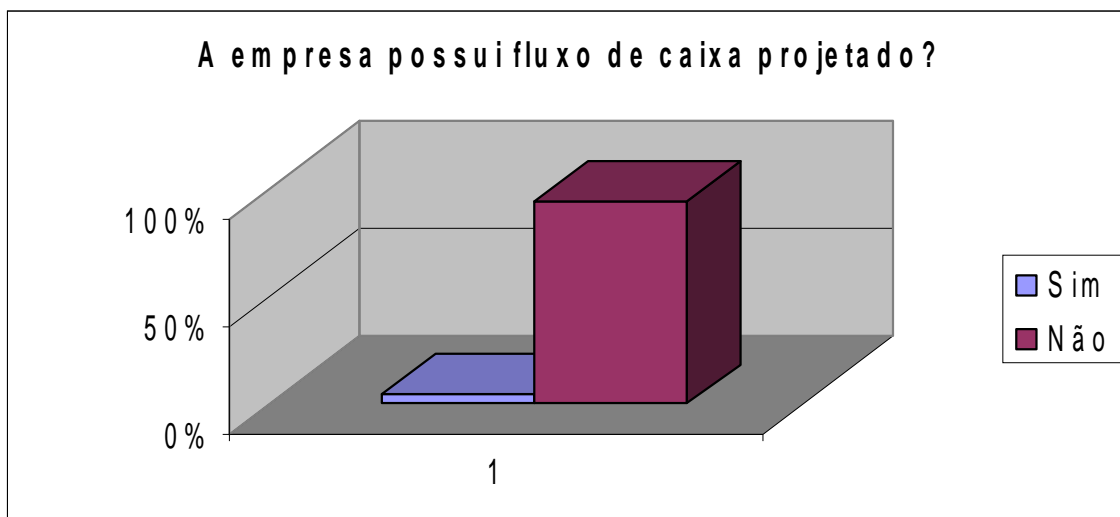


Gráfico 15: A empresa possui fluxo de caixa projetado.

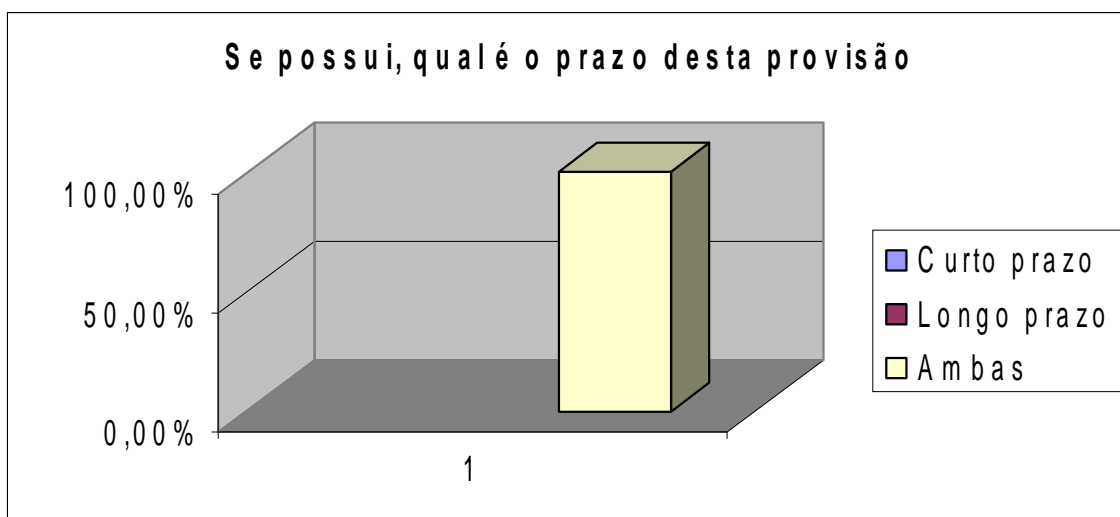


Gráfico 16: Prazo da provisão.

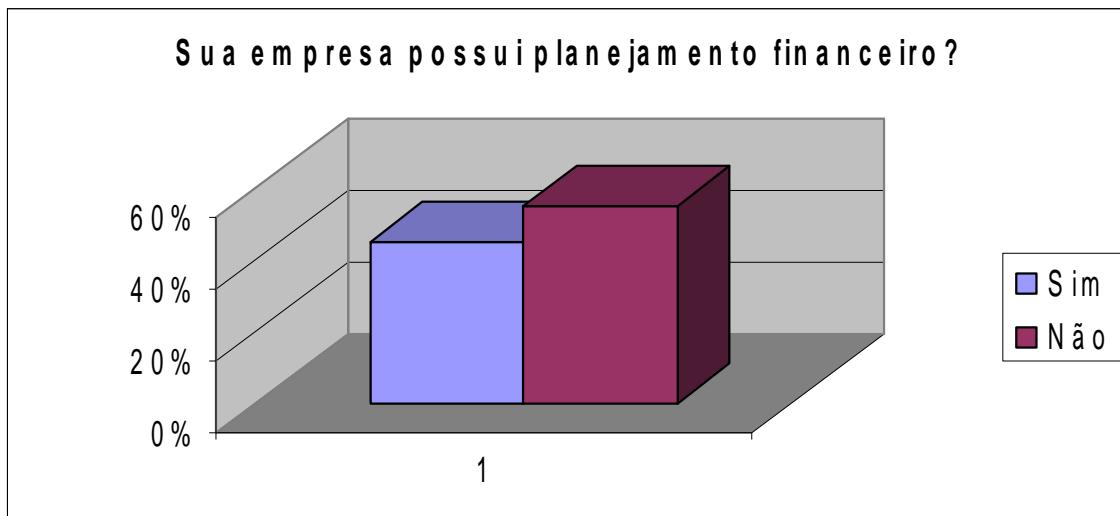


Gráfico 17: Planejamento financeiro.

Para tomada de decisão, os administradores utilizam os seguintes relatórios: Demonstrativos Contábeis; Orçamento mensal por atividade; DRE (demonstração do resultado do exercício); Relatório Gerencial.

Somente 35% dos questionados acham muito importantes e 30% não acham importante o fluxo de caixa no processo decisório na empresa.

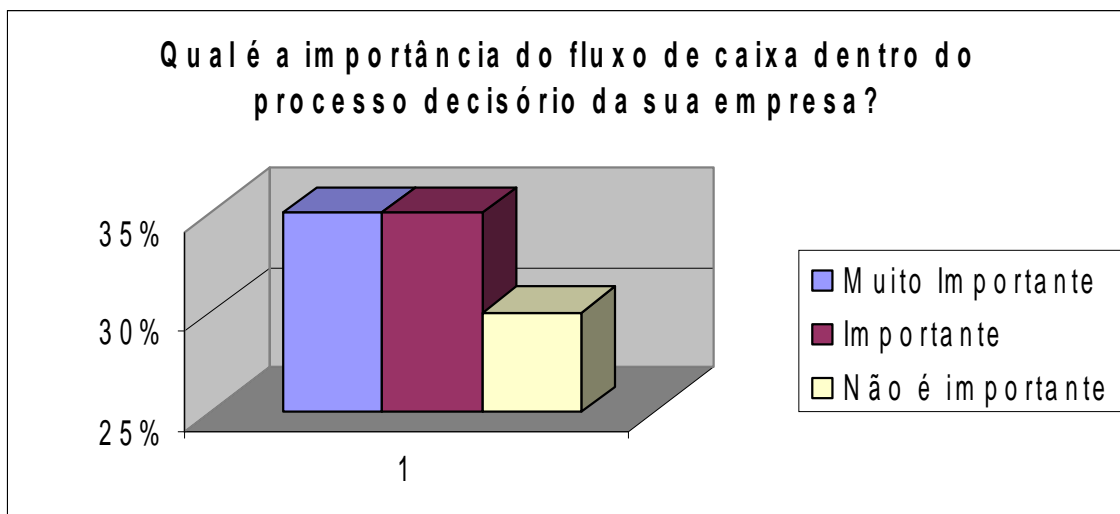


Gráfico 18: Importância do fluxo de caixa.

Antes de tomar decisão financeira, 95% dos administradores consultam algum tipo de controle particular, elaborado por ele.

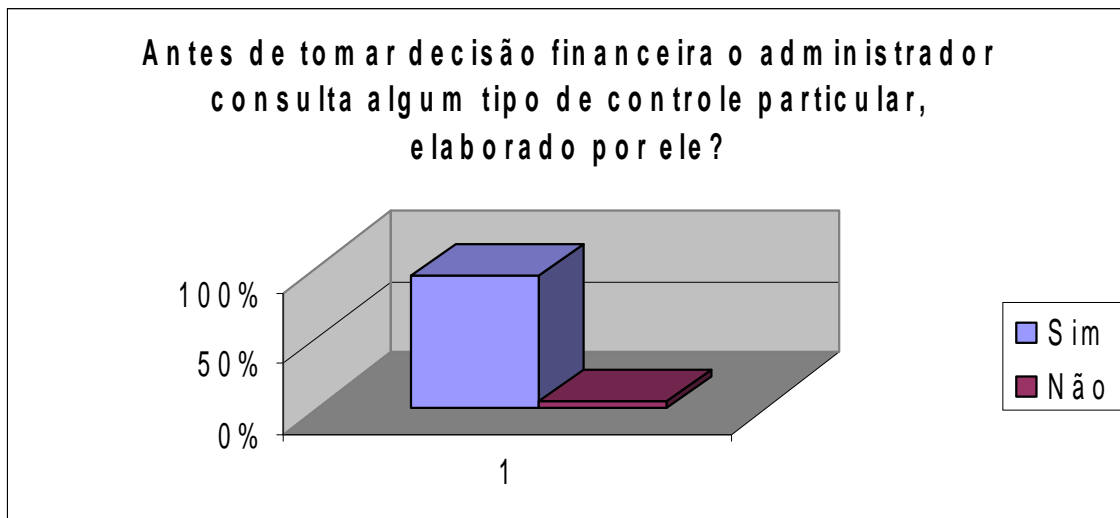


Gráfico 19: Controle particular.

A seguir vamos expor as considerações finais, onde o resultado da pesquisa foi de extrema importância para evidenciar a falta de controle encontrado nas organizações.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante aos objetivos específicos podemos expor que:

Quanto ao primeiro item que era “Dissertar o conceito da DFC e demonstrar como se realiza a DFC, no modelo direto, indireto, projetado e Norte-americano”, finalizamos com as seguintes considerações:

Podemos definir fluxo de caixa como um ótimo meio informacional, para qualquer organização, seja ela indústria, comércio ou de serviços, onde é possível detectar possíveis faltas ou sobra de recursos, para que o administrador possa captar recursos com menos custo para a empresa.

Apesar das empresas possuírem outros demonstrativos como Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultado do Exercício, o fluxo de caixa responde perguntas que não são facilmente respondidas pelos outros demonstrativos.

Para Garrison (2007), a demonstração de fluxo de caixa responde a perguntas críticas como:

1. A empresa está gerando fluxos positivos de caixa suficientes em suas operações regulares para continuar sendo variável?
2. A empresa está capaz de pagar suas dívidas?
3. A empresa será capaz de pagar seu dividendo costumeiro?
4. Por que o lucro líquido e o fluxo líquido de caixa são diferentes?
5. Até que ponto a empresa precisará tomar dinheiro emprestado para fazer os investimentos necessários?

O fluxo de caixa modelo direto permite ao administrador ter informações utilizando o Balanço Patrimonial, a Demonstração de Resultado do Exercício e a Demonstração de Lucros Acumulados.

Em seguida o fluxo de caixa modelo indireto, parte-se do lucro líquido, para posteriormente apurar a o que realmente movimentou o caixa, sendo utilizado somente Balanço Patrimonial e a Demonstração de Resultado do Exercício, e algumas informações adicionais fornecidas pela contabilidade.

O fluxo de caixa poderá ser projetado a curto e a longo prazo, podendo ser identificado anteriormente a provável falta ou escassez de recursos. Para que o gestor possa captar ou aplicar os recursos da melhor forma possível.

O modelo norte-americano foi devidamente estudado por 10 anos para se tornar um padrão mundial, vindo a substituir a Demonstração de Origens e Aplicação de Recursos (DOAR).

Quanto ao segundo item que era “Descrever como pode ser utilizado o fluxo de caixa mostrando a importância do mesmo para obtenção de informações”, finalizamos com a seguinte consideração:

A empresa deve possuir demonstrativos de fácil entendimento e principalmente com informações rápidas e úteis, para que quando o administrador se deparar com uma tomada de decisão ele possa tomá-la de forma segura.

Ingressando assim o fluxo de caixa como uma ferramenta de fácil acesso, onde o demonstrativo poderá ser efetuado de acordo com o conhecimento do administrador, sem seguir nenhum modelo, tendo o poder de ser atualizado momentaneamente, e até mesmo ser projetado, para analisar a curto e a longo prazo.

Em seguida, o terceiro item que tem por objetivo “Verificar a utilização do fluxo de caixa nas empresas”, obtivemos que:

Os empresários precisam ter ciência dos demonstrativos e das informações que a contabilidade pode gerar. O gestor que não tem conhecimento de contabilidade, poderá se surpreender com o mercado, podendo ser tarde de mais para buscar outros meios que tragam informações confiáveis.

Para demonstrar exatamente esta falta de conhecimento, levantamos que 40% dos administradores, não conhecem o sistema de fluxo de caixa. E também chegamos a detectar que grande parte dos empresários não possuem meios de detectar com antecedência, faltas ou sobras de numerários.

Para a maioria dos questionados o fluxo de caixa não é importante no processo decisório da empresa. Não conseguimos entender, se o caixa é o que rege as compras e os recebimentos, então que conta deve ser respeitável para a tomada de decisão?

O uso das fichas manuscritas ainda está em alta, 25% das empresas questionadas ainda utilizam este tipo de controle. Empresas sendo controladas por fichas manuscritas não estão preocupadas com a agilidade para a tomada de decisão, informações corretas, entre outros quesitos que fazem à diferença.

É de vital importância para a sobrevivência de uma empresa pelo menos o controle de pagamentos e recebimentos. Porém, 30% dos administradores questionados, não possuem ao menos este controle.

O gestor não ter noção de quanto tem a receber ou a pagar é muita desorganização e falta de controle. Um Gestor com esta procedência poderá levar a empresa rapidamente à falência, devido à falta de controle.

Planejamento é uma estratégia admirável para quem quer se manter no mercado. Contudo, somente 45% das empresas entrevistadas possuem planejamento de receitas, custos e despesas. Sobrando 55% das empresas que não possuem este tipo de controle.

Tranqüiliza-nos saber que 95% dos gestores utilizam algum tipo de controle elaborado por eles mesmos que utilizam para fins de consulta. Entretanto, basta ter conhecimento se o relatório elaborado por eles é confiável. Este relatório deve ser feito cuidadosamente, não deixando nenhuma informação de fora, e que mostre resultado real do exercício.

A falta de conhecimento faz com que 30% dos empresários cometeram erros grotescos, como dizer que o sistema de fluxo de caixa não é importante, não possuir planejamento financeiro e não projetar o fluxo de caixa.

Por fim, quanto ao objetivo geral, que era evidenciar o fluxo de caixa como uma ferramenta para tomada de decisão, explanamos que o cotidiano dos administradores são recheados por propostas, que devem ser analisadas conforme a realidade da empresa.

Para auxiliar estes empresários propomos o sistema de fluxo de caixa, onde os mesmos podem avaliar o desenvolvimento das atividades e analisar as informações geradas para posteriormente tomar decisões.

Este demonstrativo esclarece como foi gerado o caixa e como foi utilizado durante um período. O fluxo de caixa é utilizado como uma ferramenta para averiguar as finanças das organizações.

A finalidade básica da administração do fluxo de caixa está relacionada à competência da empresa em honrar suas obrigações na data do vencimento e em gerar resultados positivos, em função do investimento realizado no ativo operacional.

O este demonstrativo auxilia o administrador na tomada de decisão respondendo perguntas como:

- ✚ É possível fazer uma aquisição de imobilizado a curto prazo?
- ✚ Quando a empresa precisará de recursos de terceiros, e em que condições a empresa poderá pagar?

- ✚ Se há uma oferta de matéria-prima, é possível uma maior aquisição sem o comprometimento dos compromissos já assumidos?
- ✚ Quando a empresa está deixando de captar recursos com um fundo fixo de caixa alto?
- ✚ Poderá prever quando haverá um declínio das vendas para a devida programação de despesas e custos fixos;

Porém, coletamos que a minoria das empresas utiliza o fluxo de caixa como uma ferramenta para tomada de decisão, isso se deve a falta de conhecimento dos empresários, pois o fluxo de caixa gera informações preciosas.

Finalmente, este estudo foi de vital importância para ressaltar a valor da DFC na gestão empresarial, mesmo que não muito utilizada e conhecida pelos empresários da micro-região de Pato Branco. Acreditamos que se todos os administradores dessem a devida atenção ao gerenciamento de seus fluxos de caixa, boa parte dos problemas existentes nas organizações não existiriam.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

No decorrer deste trabalho, alguns assuntos tornaram-se interessantes que poderão ser abordados futuramente como:

- ✚ Aplicar em uma empresa o sistema de fluxo de caixa, e avaliar os resultados obtidos;
- ✚ Analisar o gerenciamento de uma empresa que utilize a DFC como ferramenta para tomada de decisão.
- ✚ Demonstrar a diferença entre lucro e caixa.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Administração de capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Finanças corporativas e valor**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração de capital de giro**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

ATKISTON, A. A. et al. **Contabilidade gerencial**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BRAGA, R. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

BRASIL. Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, que dispõe sobre as Sociedades por Ações. **Diário Oficial da União**. Brasília, 17 dez. 1976.

BRASIL. Lei nº 11.638, de 28 de dezembro de 2007, Altera e revoga dispositivos da Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei no 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estende às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras. **Diário Oficial da União**. Brasília, 28 dez. 2007.

CAMPOS FILHOS, A. **Demonstração dos fluxos de caixa: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

FREZATTI, F. **Gestão do fluxo de caixa diário: como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GARRISON, R. H.; NOREEN, E. W.; BREWER, P. C. **Contabilidade gerencial**. 11. ed. Tradução: Antonio Zoratto Sanvicente. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira – essencial**. 2. ed. Tradução: Jorge Ritter. Porto Alegre: Bookman, 2001.

HELPERT, E. A. **Técnicas de análise financeira: um guia prático para medir o desempenho dos negócios**. 9. ed. Tradução: André Castro. Porto Alegre: Bookman, 2000.

HOJI, M. **Administração financeira: uma abordagem prática: matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, análise, planejamento e controle financeiro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

HORNGREN, C. T.; SUNDEM, G. L.; STRATTON, W. O. **Contabilidade gerencial**. 12. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

IUDÍCIBUS, S. et al. **Contabilidade introdutória**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

JAEDICHE, R. K.; SPROUSE, R. T. **Fluxos contábeis: rendas, fundos e capital**. 1. ed. Tradução: José Bonifácio da Cruz. São Paulo: Atlas, 1972.

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARION, J. C. **Contabilidade empresarial**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

NEVES, S.; VICECONTI, P. E. V. **Contabilidade avançada e análise das demonstrações financeiras**. 14. ed. São Paulo: Frase Editora, 2005.

OLIVEIRA, L. M.; PEREZ JR., J. H.; SILVA, C. A. S. **Controladoria estratégica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PADOVEZE, C. L. **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JAFFE, J. F. **Administração financeira**. 2. ed. Tradução: Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 2002.

SÁ, C. A. **Fluxo de caixa: a visão da tesouraria e da controladoria**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SANVICENTE, A. Z.; SANTOS, C. C. **Orçamento na administração de empresas: planejamento e controle**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.
FATORES CONDICIONANTES E TAXAS DE SOBREVIVÊNCIA E MORTALIDADE. Disponível em:
[http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/\\$File/NT00037936.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/$File/NT00037936.pdf). Acesso em: 12 mai. 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

WESTON, J. F.; BRIGGHAM, E. F. **Fundamentos da administração financeira**. 10. ed. Tradução: Sidney Stancatti. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Tradução: Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZDANOWICZ, J. E. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiros**. 5. ed. Porto Alegre: Sagra – D. C. Luzzatto, 1992.

12) A empresa possui planejamento das receitas, custos e despesas?

Sim Não

13) O responsável pela administração financeira da empresa, conhece o sistema de fluxo de caixa?

Conheço e utilizo Conheço mas não utilizo Não conheço

14) O administrador financeiro da empresa possui meios para detectar com antecedência, uma possível escassez ou excesso de recursos financeiros?

Sim Não

15) Quais relatórios a empresa utiliza para prever sobras ou faltas de caixa?

16) Quais relatórios são utilizados para fins de gerenciamento mensal?

17) A empresa possui fluxo de caixa projetado?

Sim Não

18) Se possui, qual é o prazo desta provisão?

Curto prazo Longo prazo Ambas

19) Sua empresa possui planejamento financeiro?

Sim Não

20) Quais demonstrativos contábeis são utilizados para a tomada de decisão na sua empresa?

21) Qual é a importância do fluxo de caixa dentro do processo decisório da sua empresa?

Muito Importante

Importante

Não é importante

Por que?

22) Antes de tomar decisão financeira o administrador consulta algum tipo de controle particular, elaborado por ele?

Sim

Não

Obrigado!